

# ÍNDICE

## I – DA SAUDADE: AUTORES E TEMAS

Roberto de Mesquita, Poeta da Saudade.....	11
<i>António Braz Teixeira</i>	
A Saudade e as Flores de Maria da Felicidade Browne .....	18
<i>Ana Paula Santos</i>	
Filosofia e Literatura: Tres Poemas Que Din da Saudade .....	29
<i>Anxo González Fernández</i>	
Os <i>Madredeus</i> e a Saudade do Futuro: Um Encontro com Agostinho da Silva .....	45
<i>Artur Manso</i>	
A Saudade e o Pensamento de Heidegger .....	58
<i>Benito Arbaizar Gil</i>	
<i>Oração da Soledade</i> de Nuno de Montemor .....	66
<i>César Tomé</i>	
Camões, a Saudade e o Cristianismo .....	72
<i>Jorge Teixeira da Cunha</i>	
Entre Simbolismo e Modernismo: Perscrutando o Teatro da Saudade .....	81
<i>José Almeida</i>	
A Saudade da Existência em Eduardo Pondal .....	93
<i>Luís G. Soto</i>	
Pascoaes Revisitado: A Saudade como Liminaridade .....	104
<i>Luísa Borges</i>	
Do Lirismo Saudoso .....	110
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
Saudade, Melancolia e Depressão: Reflexão sobre a Policrise Contemporânea e a Alternativa da Prática Contemplativa.....	115
<i>Paulo Borges</i>	

Entre Ser, Sentido e Saudade.....	141
<i>Renato Epifânio</i>	
Saudade de Deus: A Dimensão Transcendente da Saudade .....	147
<i>Rocío Carolo Tosar</i>	
A Distinção entre a Saudade da «Razão Mítica» e a Saudade da «Razão Mística», a partir de um Diálogo com Dalila Pereira da Costa ...	156
<i>Samuel Dimas</i>	

**II – FILOSOFIA E CULTURA LUSO-GALAICA:  
OUTROS TEMAS E AUTORES**

Emilia Pardo Bazán, Pensadora .....	171
<i>Alba Iglesias Varela</i>	
Hermenéutica da Vida, Saudade de Portugal.....	179
<i>Carlos Baliñas Fernández</i>	
A Outra Cara da Realidade: A Metafísica Poética de Álvaro Cunqueiro....	187
<i>Marcelino Agís Villaverde</i>	
Achegamento desde a Filosofia Política ao Teatro de Ricardo Carvalho Calero: A Peza “Os Xefes” .....	204
<i>Miguel Ángel Martínez Quintanar</i>	
O Mito de Atlântida e o Olhar de Vicente Risco sobre o Brasil .....	216
<i>Tiago Barreira</i>	

## ROBERTO DE MESQUITA, POETA DA SAUDADE

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

1. A concentração da maioria dos estudos sobre o *simbolismo* português na obra poética de Eugénio de Castro (1869-1944) e, sobretudo no Camilo Pessanha (1867-1926) de *Clepsidra* (1920), não só tem levado a esquecer ou a desatender o altor valor da poesia de Roberto de Mesquita (1871-1923) e de António Patrício (1878-1930), como a ignorar a superior expressão que o movimento encontrou, entre nós, no domínio da literatura dramática, em obras como *Belkiss* (1894) e *O rei Galaor* (1896), de Eugénio de Castro, em *O pântano* (1894) e *Meia noite*, de D. João da Câmara (1852-1908), na *Pátria* (1896), de Junqueiro, no teatro de António Patrício (*O fim*, 1909, *Pedro o cru*, 1918, *Dinis e Isabel*, 1919, *D. João e a máscara*, 1924, *Judas*, 1924, na inacabada *A paixão de mestre Afonso Domingues*, 1929 e nos fragmentos, de diversa extensão, de *El-rei de Sempre* e de *Teodora ou o sonho de uma noite de Bizâncio*), no Pessoa de *O marinheiro* (1913) e dos fragmentos dramáticos dele contemporâneos ou no *D. Carlos* (1919), de Teixeira de Pascoaes, bem como o que há de inegavelmente simbolista nos textos mais antigos do *Livro do Desassossego*, cumprindo não esquecer, ainda, a íntima relação entre *simbolismo* e *saudosismo* que singulariza a feição que o primeiro recebeu entre nós.

Quanto a este último e decisivo ponto, é oportuno realçar a presença da *saudade* em quase todas aquelas expressões dramáticas do nosso *simbolismo* e na obra poética de outras figuras relevantes da escola, como nas *Exiladas* (1895), de Alberto Osório de Castro (1868-1946), no *Livro de Agraïis* (1892), em *Saudades* (1893) e em *O jardim da morte* (1898), de Júlio Brandão (1862-1943), ou nas *Poesias* (1891), de Alberto de Oliveira (1873-1940), assim como a circunstância de, diferentemente do que ocorre no teatro de Maeterlinck, nos nossos dramas simbolistas predominar, largamente, o tratamento de temas nacionais.

Outra nota que individualiza, de modo significativo, o simbolismo português, de Roberto de Mesquita a Pascoaes, de Patrício a Pessoa, é a dimensão metafísica que apresenta, a qual não tem equivalente noutras literaturas, em especial em Verlaine, cujo eco, entre nós, têm sido exagerado, em detrimento do maior significado de alguns simbolistas belgas, como Maeterlinck, Rodenbach ou Verhaeren.



2. Deve-se a Vitorino Nemésio a primeira e mais compreensiva e empática abordagem crítico-hermenêutica da obra do singular autor de *Almas cativas* e do lugar único que ocupa no quadro do simbolismo português.

Partindo da consideração do isolamento ou insulamento que define a vivência poética do poeta florentino, no seu ensaio de 1939, *O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita*, o penetrante autor de *Conhecimento de poesia* soube assinalar o que individualiza e define o lirismo metafísico do autor ilhéu e as relações ou os ecos que nele é possível surpreender do magistério de Antero, a cujos sonetos foi buscar o título da sua recolha poética, e com a obra de Baudelaire e Verlaine, a sua singular expressão da «solidão atlântica», do opressivo isolamento ilhéu, que nenhum outro poeta açoriano logrou exprimir tão autenticamente e, no mundo de língua portuguesa, só encontra paralelo no lirismo do caboverdeano Jorge Barbosa, solidão a que Roberto de Mesquita conferiu «uma espécie de psicologia meteorológica», em que a tristeza emotiva e o tédio são vividos com conformada e passiva resignação, a muito escassa efusão lírica dos seus versos, nisso se distinguindo da «ingenuidade lírica» de Nobre, bem como do lirismo predominantemente amoroso de Pessanha ou da forte presença do espiritismo na sua compreensão da «alma das cousas».

Coube a Óscar Lopes completar a profunda a hermenêutica nemesina da obra poética de Roberto de Mesquita, ao chamar a atenção para alguns aspectos desatendidos ou inexplicados pelo autor de *Sob os signos de agora*, designadamente a importância que para ele tiveram os simbolistas belgas, em especial Maeterlinck, ou a relação do que designou como o seu «idealismo panteísta» com o saudosismo de Pascoaes<sup>1</sup>.

3. Afigura-se-me, contudo, excessiva a importância atribuída pelos dois críticos – e também por Jacinto do Prado Coelho – ao eco ou à repercussão que a poesia de Verlaine, em especial as suas duas primeiras obras, *Poèmes saturniens* (1866) e *Fêtes galantes* (1869) teriam tido na poética de Roberto de Mesquita.

Com efeito, tanto o adjectivo *saturniano* como a alusão a «festa galante» (*Relicários*, I) pouco mais são do que citações literárias, apresentando, na obra do poeta açoriano, muito diverso sentido do que aquele que têm na poesia do simbolista francês. Assim, enquanto nas *Fêtes galantes* se trata de uma distante e impessoal reconstituição ou glosa poética do ambiente frívolo e artificial das festas palacianas setecentistas ou de cenas em parques e jardins de um geometrismo à Le Notre, ornamentados com estátuas de faunos e ninfas, de disfarces e enganos, de máscaras e perucas, de Pierrots e Arlequins, de Columbinas e Clitandres,

<sup>1</sup> *De Fialho a Nemésio*, Lisboa, INCM, 1987, vol. I, pp. 110-112.



# OS MADREDEUS E A SAUDADE DO FUTURO: UM ENCONTRO COM AGOSTINHO DA SILVA

ARTUR MANSO

*Portugal é um sítio com alma.  
Os portugueses são um povo profundo e com muita alma.*

NICK CAVE

1. Sabendo que Agostinho da Silva tinha verdadeira aversão pela Saudade tal como se tornou consensual considerá-la na cultura portuguesa e sendo os MadreDeus uma das bandas contemporâneas portuguesas de maior sucesso em todo o mundo, com um reportório nostálgico e plangente, quais serão, por isso, as interseções entre ambos? Em meu entender, são bastantes, porque o conceito de Saudade em Agostinho deve ser entendido de forma alargada e não na hermenêutica do discurso clássico que a consagrou na literatura e na poesia.

Em ambos os casos aparece a Saudade associada ao Mar (e aos Heróis do Mar, banda musical fundada por Pedro Ayres Magalhães), ao Horizonte, ao Amor, à Criança e ao Futuro. Se mais não houvera para a convivência desse legado entre Agostinho e o fundador da banda Pedro Ayres Magalhães, basta lembrar que um dos companheiros dos tempos de juventude do músico e compositor, foi Paulo Borges<sup>1</sup>, estudioso da Saudade e de Agostinho que em 1988 compilou e organizou o volume *Dispersos*<sup>2</sup> de Agostinho da Silva. Borges esteve, também, de uma ou outra maneira ligado a algumas bandas fundadas por Ayres Magalhães. São poucas as referências dos seus projetos ao pensamento de Agostinho, ao contrário do que acontece com os Blasted Mechanism, banda portuguesa de rock alternativo surgida em 1995 que explicitamente refere o legado de Agostinho no seu reportório, constando em algumas faixas dos seus álbuns, o pensamento e a voz de Agostinho da Silva, bem como a imagem em videoclipes por eles editados.

Agostinho ainda estava entre os vivos quando os MadreDeus se tornaram conhecidos do grande público e não se conhece nenhuma referência sua à banda,

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto ver os volumes: Borges, Paulo, *Da saudade como via de libertação*, Matosinhos, Quidnovi, 2008; Borges, Paulo, *Presença ausente. A saudade na cultura e no pensamento português*, Lisboa, Âncora, 2019.

<sup>2</sup> Cf. Agostinho da Silva, *Dispersos*, Lisboa, ICALP, 1988.



## PASCOAES REVISITADO: A SAUDADE COMO LIMINARIDADE

LUÍSA BORGES

A reflexão que venho propor hoje é uma revisitação a Pascoaes. Uma revisitação sob a égide ou a inspiração do pequeno opúsculo de Dalila Pereira da Costa intitulado *Pascoaes: d'As Sombras à Senhora da Noite* (Átrio, 1992), ensaio que se ocupa, principalmente desses dois livros. Tendo presente a ressalva de Pinharanda Gomes, de que há um Pascoaes para cada leitor, desse ensaio reteremos apenas alguns vértices de análise, considerados como pontos de partida para esta nossa partilha reflexiva. O nosso pré-conceito inicial, não obstante, firmado, nos próprios textos de Pascoaes, é este: afirmar, não, tão só, a actualidade do pensamento de Pascoaes, como a necessidade da sua urgente revisitação.

Começamos por elencar algumas das constatações de Dalila Pereira da Costa, naturalmente, as que mais convêm ao caminho da nossa reflexão. Segundo a autora, nos hinos do volume *As Sombras*, se estruturaria uma dupla herança, a saber: a herança nórdico-celta e, portanto, acrescentaríamos nós, de uma espiritualidade e de uma filosofia atlântica; e uma herança mediterrânico-platónica. O cotejo de natureza escatológica, ontológica e teológica ou mesmo teleológica dos arquétipos aportados pela herança celta estruturar-se-ia em torno da figura espaço-temporal da espiral, preconizando diferentes itinerários de *queda* e de *ascensão*, *ctónicos*, de uma parte e *transhumanos*, de outra. Estes caminhos onto-escatológicos, se bem que imbuídos da teoria dita da participação platónica, nas suas actualizações gnósticas e maniqueias – ou por causa disso mesmo –, afastar-se-iam, com determinação e intensidade dramática, de uma ortodoxia crística, crente numa única vida terrena ou manifestação e, assim sendo, numa só oportunidade salvífica: nas textuais palavras da filósofa, “sem a vera ressurreição da carne”<sup>1</sup>.

Retomando a expressão burilada por Pessoa, também a Autora inscreve Pascoaes no projecto da criação de uma *religião futura portuguesa*, autóctone e universal, como um *panteísmo transcendentalista*. Projeto que a reemergência de diferentes expressões de religiosidade dita pagã, bem como o despertar, por vezes radical, de uma consciência ecológica, parecem hoje confirmar, particularmente, nas gerações mais novas. Interessa aqui sublinhar e meditar que tanto Pessoa

---

<sup>1</sup> Dalila Pereira da Costa (1992), *Pascoaes: D'As Sombras à Senhora da Noite*, Átrio, Lisboa, p. 17.



como Pascoaes são críticos mordazes de uma ideia ou herança política e espiritual romana, tanto pagã (em Pessoa) quanto Católica (tanto em Pessoa quanto em Pascoaes), nas suas aspirações imperiais de tipo material e económico.

A filósofa sublinha a presença de “um sincretismo religioso” (*ibid.*, p. 15) em *As Sombras* de Pascoaes, à imagem e semelhança de uma outra “época de transição, o fim da Antiguidade”, precisamente quando teriam, emergido, de dentro do próprio cristianismo, múltiplas heresias, como o gnosticismo, justamente como formas de reequacionar e solucionar, pelo “dualismo maniqueísta”, o problema “teodiceico do Mal”, isto é, da persistência do mal e da continuidade do próprio mundo, palco operativo desse Mal, na ausência de um Apocalipse redentor.

Duas coisas a reter, aqui. A primeira. O sincretismo de Pascoaes não é uma forma de aculturação onde se diluem se enterram ou sobre que se edificam edifícios hegemónicos. Para empregar uma imagem analógica, tão recorrente nas nossas paisagens geográficas: não se trata de aproveitar as pedras pagãs dolménicas para a edificação de capelas cristãs. N’*As Sombras*, como em muitos outros textos, respiram, lado a lado, cosmogonias e narrativas míticas tão aparentemente diversas, como as egípcias, as gregas, as judaicas ou as célticas.

A segunda. Na obra de Pascoaes e, no complexo seio desta, o livro *As Sombras*, parece iluminar, com particular intensidade, uma clareira de sentidos. Há um espaço que é um tempo, sem tempo e ambos, tempo e espaço se fazem lugar. Um sítio que se abre como uma chama ou uma brecha, ou (na textualidade da 1ª edição de 1907, a páginas 28), nas “largas fendas do som” do chamado tempo comum: trata-se de um lugar de transitoriedade ou de liminaridade que aqui se presentifica. Pois, se este é um livro de Sombras, é de uma sombra a sua autoria, pois uma Sombra tem sede de luz, mais exactamente, nas palavras de Pascoaes “fome e sedes”, a perspectiva é a autobiográfica, como a da escrita do diário de um Livro das Sombras, uma prática que hoje sabemos característica de grupos neo-pagãos de inspiração gardneriana<sup>2</sup>. Mas esta é apenas uma coincidência significativa, não intencional e o que daqui importa reter é a riqueza da irradiação da particular operatividade do sincretismo da obra de Pascoaes e a sua sublinhada contemporaneidade ou pós modernidade.

O espaço de liminaridade, epifânico liminar, passe a redundância, que as Sombras revelam, mais do que rasgando, um espaço, entreabrindo as dobras do tempo, como um ténue raio de luz dissipando cortinas de nevoeiro ou as trevas, é um lugar para a supervivência de um sincretismo onde, como acima referimos,

---

<sup>2</sup> Gerald Brosseau Gardner (1884-1964) impulsionador do movimento da Wicca (ou da bruxaria) moderna, os seus textos foram compilados no volume *Livro das Sombras*, entre nós mais recentemente, divulgado pela Zéfiro, com o título *O Livro das Sombras de Gardner*, ed. Madras, 2022.

